

RESUMO

A literatura, assim como a ciência proporciona experiências incríveis para o indivíduo, é partindo de um texto literário que leitor desenvolve suas habilidades como forma de se expressar e comunicar. Assim, partindo da premissa, observando como a literatura está atrelada à função humanizadora do ser humano, o presente trabalho é desenvolvido com o objetivo de analisar a importância da literatura e sua humanização dentro do contexto social. Assim, propõe-se reflexões sobre a literatura enquanto instrumento humanizador na educação, onde considera-se uma visão geral da importância da literatura na formação do indivíduo.

Palavras-chaves: Literatura; Humanização; Educação.

INTRODUÇÃO

Partindo da ideia de que a literatura é capaz de transformar a vida do indivíduo, possibilitando alcançar aspectos nunca explorados, busca-se trazer a relevância do tema para um mundo mais humanizado.

É partir da leitura que o indivíduo cria suas próprias conclusões, ideias e desenvolve sua criatividade, assim, um texto literário proporciona experiências particulares a cada pessoa, e com isso consegue mudar o ambiente de toda uma sociedade.

Nessa perspectiva, desenvolve-se o presente trabalho com a problemática: “Como a escola pode fazer da literatura um instrumento humanizador?”. Para responder tal indagação os capítulos serão desenvolvidos, e considera-se o seguinte objetivo para o trabalho: apontar a literatura e sua função humanizadora. E como objetivos específicos: conceituar a literatura e a sua importância; discorrer sobre o papel da educação e do educador como forma de levar a literatura para a sala de aula; analisar as áreas exploradas pelo indivíduo já em pleno contato com a literatura.

Assim a metodologia utilizada se dá a partir de uma revisão bibliográfica, tendo como base livros e artigos que envolvem o tema. O levantamento bibliográfico é realizado nas bases e artigos dispostos em livros e internet, abordados de acordo com a sua relevância e seu tratamento relacionado aos assuntos que tratam diretamente sobre o tema, bem como os que o complementam.

Assim sendo, o trabalho transcorre a partir do método conceitual-analítico, visto que utilizamos conceitos e ideias de outros autores, semelhantes com os objetivos aqui definidos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A linguagem é à capacidade do ser humanos em expressar seus pensamentos e se comunicar. A comunicação ocorre em muitas espécies animais, através de diferentes formas ou sistemas. O homem, no entanto, apresenta capacidade de comunicar por meio de diferentes sistemas (gestual, escrito, ...) e, especialmente, através de sinais vocais (linguagem oral), que é um sistema que permite que se comunique de maneira mais livre, e também e, sem dúvida, o sistema mais complexo. A linguagem humana pode ter diferentes funções, entre as quais a comunicação, entendida como a troca de informações.

Com isso, a literatura está atrelada à linguagem humana. De acordo com Antônio Candido (1972), a literatura possui uma função humanizadora, pois atua na formação do próprio homem, isto é, a literatura supre a necessidade universal que o homem tem de ficção e poesia, contribuindo para a formação da personalidade humana e propiciando o conhecimento do mundo e do ser que dela se apropria.

Logo, é possível observar que a literatura é fundamental na vida do indivíduo na relação com o homem, principalmente no aspecto formativo, assim cabe menção da concepção de Candido (2006):

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa - o Bom, o Belo, o Verdadeiro, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço de sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica [...] ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, - com altos e baixos, luzes e sombras (CANDIDO, 2006, p. 30)

Com isso, é demonstrado que a literatura tem a função de humanizar, no entanto de um modo libertador. O referido autor em suas explanações defende que a obra de arte é social, produzindo no homem um efeito prático, que transforma sua conduta e o modo de enxergar o mundo, Vejamos:

[...] a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte. (CANDIDO, 2006, p. 30)

O renomado autor defende que o objeto artístico, visto como a “Literatura”, “é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, através da qual propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres e os sentimentos” (CANDIDO, 2006, p. 63).

Do mesmo modo Coutinho (1986) mostra-se favorável no que diz respeito à ligação entre a literatura e a vida, frisando que a importância literária se subsidia na relação entre a mensagem e no impacto que está produz. Partindo da seguinte concepção “defender a autonomia da literatura não é isolá-la, mas acreditar na eficiência de sua missão, de seu papel entre os homens”.

Cosson (2006), complementa que compete ao texto literário um papel humanizador, ou seja, é a partir da leitura que se adquire uma visão mais humana, e consciente tanto do modo pessoal como do mundo.

Quando mencionado por Candido (1995) é possível observar três diferentes naturezas que se entrelaçam entre si para concepção de um texto rico e atraente para a leitura. A primeira natureza está relacionada à formação de objetos autônomos; enquanto a segunda, à maneira individual de se expressar e manifestar a emoção e, a última, está atrelada ao conhecimento como um todo.

É a partir das três naturezas que se resultam os efeitos causados pela leitura diante do leitor. Porém, uma das naturezas apontadas acaba se destacando e, com isso, desenvolve um papel crucial ao leitor. De maneira especial, é essa natureza que faz com que a literatura alcance no leitor de forma particular a construção de um objetivo autônomo. Dessa maneira, Candido (1995) considera:

Quando elaboram uma estrutura, o poeta ou o narrador nos propõem um modelo de coerência, gerado pela força da palavra organizada. [...] quer percebamos ou não, o caráter da coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a própria mente e sentimentos; e em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo. (CANDIDO, 1995, p. 245)

As explicações de Candido (1995) se relacionam com uma perspectiva de língua proposta por Bakhtin (1981), que enxerga na linguagem o fator para organizar o pensamento e, por consequência, o modo de ver o mundo. O autor ainda faz uma análise da linguagem e do seu aspecto social, como forma de justificar a essência da

língua. Para tanto, estabelece um signo linguístico sob na percepção de uma natureza ideológica, como elemento social e não individual.

Para Bakhtin (1981, p. 83), o que substancia a linguagem é a interação verbal que é feita a partir da enunciação orientada pelo pensamento: “Não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação”.

Neste contexto o modo de se expressar acaba sendo o grande gerenciador do pensamento e com isso a literatura de maneira especial age como organizadora da expressão. Logo, é possível afirmar que a literatura, pode transitar pelo pensamento de modo peculiar. Com isso, a arte da palavra, mais do que a ciência, alcança a natureza das coisas.

Moisés (1987) também expõem sua visão sobre a expressão literária:

[...] constitui uma forma de conhecer o mundo e os homens: dotada de uma séria missão, colabora para o desvendamento daquilo que o homem, conscientemente ou não, persegue durante toda a existência. E, portanto, se a vida de cada um corresponde a um esforço persistente de conhecimento, superação e libertação. (MOISÉS, 1987, p. 44)

No mais, é possível auferir que a literatura parte de um texto bem elaborado sendo uma ação capaz de transformar, através do pensamento que o texto literário pode trazer de modo especial na formação do leitor, agilizando a inserção mais eficiente em qualquer faixa etária do indivíduo nas práticas sociais que envolve o letramento.

Nessa concepção, o desenvolvimento do texto literário pode funcionar como um promotor de interações proveitosas na relação aluno e texto, o que diferencia de outras formas de escrita pelas seguintes razões.

O poder Transformador da Leitura

Para uma concepção do poder humanizador da literatura, é preciso deixar claro o que é entendido como humanização. Para tanto será utilizado a conceituação de Antonio Candido, que assim entende:

O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 2004, p.180)

Nesse sentido, Candido (2004) defende sua ideia da relação da literatura com os direitos humanos, pois a leitura do texto literário corresponderia:

Uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar nossa humanidade (CANDIDO, 2004, p.186).

A leitura é uma habilidade de um tipo muito desenvolvido: na verdade, é a soma de várias habilidades psicológicas que são adquiridas e exercidas em idade tenra.

Como acontece com as faculdades humanas que sempre usamos (a maravilha da linguagem, da percepção visual), é difícil compreender plenamente complexidade a leitura compreende, a princípio, a capacidade de discernir uma letra da outra.

Mas a educação escolar é apenas o começo. As habilidades complexas que, mobiliza a leitura exige não só que a pessoa que aprende esteja em um certo nível de maturação neurológica; não só isso começa com os rudimentos de decifrar textos, mas estas disposições ativas e exercitar por um longo tempo. (LLOSA, 2010)

Um leitor avançado, pode enfrentar um texto em condições ideais de uso e velocidade, apenas forjada ao longo de anos de prática. Daí a importância (neste assunto, como em muitos outros) de compartilhar educação escolar com a da casa.

A criança que não cresce em um ambiente aonde a leitura prevalece, dificilmente será capaz de alcançar plenamente as capacidades de lidar com textos. Aquele que não tem uma variedade suficiente de tipos de obras não aprenderá a lidar com os diferentes níveis de acesso à informação escrita: a leitura profunda, a busca de um dado específico.

A falta de hábitos e de ocasiões de leitura dificultará o pleno desenvolvimento desses poderes. A pessoa que não os tem este poder está muito mal preparada para a sociedade da informação. (SCHILLER, 1991)

A proposta projetada neste trabalho baseia-se na concepção de que a literatura se forma enquanto informa; e que este aspecto o distingue os outros conteúdos curriculares.

O autor Cândido (2004) afirma que a literatura é o sonho despertado das civilizações, assim como não é possível ter equilíbrio psíquico sem dormir, quando dormimos; talvez não seja possível equilíbrio social sem literatura. Ela age como um fator de humanização e opera no subconsciente, bem como no inconsciente.

COSSON (2006) afirma que as pessoas "estão com fome e com sede de épica", precisamente porque a literatura trata exemplarmente de tópicos como: felicidade, frustração, heroísmo, covardia; e vai contra a filosofia do eterno evento

Nessa perspectiva, a literatura vem ocupar não o lugar de possibilidade, mas de necessidade no ensino, já que, a partir disso, a experiência de aquisição pode ser, além de útil, Agradável, criativo, reflexivo e motivador.

Cândido (2004) compartilha que mesma ideia, quando se diz que, de fato, a literatura corresponde à necessidade de sono e prazer, inerente a toda raça humana. E que ela desdobra em nós a cota da humanidade, na medida em que nos faz mais compreensão e aberto à natureza, sociedade e afins.

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeito sob pena de mutilar a personalidade. O uso da literatura no ensino da língua, críticas e metodologias sentimentaliza à visão do mundo, organiza, livra do caos e, portanto, nos humaniza. Negar o A fruição da literatura é mutilar nossa humanidade.

Cândido (2004) ainda defende que a literatura instrui, porque pode ser um instrumento consciente (ou não) de desmascaramento, devido ao fato de focalizar as situações de restrição de direitos, ou negação deles, tais como miséria, servidão, mutilação espiritual.

Ambos em um nível e ou no outro, se relaciona muito de perto com a luta pelos direitos humanos. Além disso, o caráter organizado da literatura nos torna mais capazes de ordenar a nossa mente e sentimentos; e, conseqüentemente, mais capaz de organizar a visão do mundo que temos.

Desta forma, podemos concluir que as experiências literárias podem, sem dúvida, contribuir para uma educação mais saudável, capaz de atender às necessidades dos alunos. (ROSENFELD,1991)

Cultivar qualidades intelectuais, morais e imaginativas em homens e mulheres que lhes permitem tornar-se pessoas competente, visionário e sábio, que pode levar vidas próspera e recompensadora respondendo com compaixão e compromisso com a demanda por sociedades mais justas todo o mundo. Neste caso, aprendendo línguas estrangeiras deve ser conceituado para contribuir para esse propósito, desde

preferência fazendo sua contribuição explícita, em teoria e prática, e de uma forma estranha.

Uso da literatura em sala de aula abre caminhos para o conhecimento e apreensão de outras culturas de forma mais verdadeira e mais demissão de lugares comuns. Llosa (2010) confirma essa ideia, afirmando que quando transmitimos nossa linguagem, para entender nossa realidade, estamos tentando explicar que nossa cultura, ensinando nossa história, nossa arte, oferecendo nossa literatura.

Nesse contexto, a literatura figura como uma possibilidade de compreender o mundo, justamente porque, como Compagnon (2009) sugere, ela é um material representativo de diferentes tradições e diferentes tipos de discursos.

Com o texto literário, é possível abordar tanto a cultura de manifestações dos povos, necessários para a compreensão histórica, quanto à cultura que descreve os sentidos linguísticos e paralinguístico.

Rosenfeld (1991) defende que a literatura é o meio ideal para desenvolvimento da conscientização e valorização do uso da linguagem em suas diferentes manifestações, pois apresenta a linguagem em um contexto autêntico, no que se refere a registros e dialetos variados, tomados sob um referencial social.

Llosa (2010) afirma que quando textos literários bem selecionados, os alunos podem extrair deles os padrões de cultura e estilo que governam o uso comunicacional de LE; identificar os valores que lhe são familiares e, assim, desenvolver uma atitude mais participativa.

A análise da importância da literatura no ensino começa com o reconhecimento de que nenhum processo de aprendizagem seria propício para o desenvolvimento da competência comunicacional (CC) sem um trabalho conjugado das mais diversas formas de expressão linguística.

Autores como COMPAGNON (2009) reconhecem que o uso de diferentes modalidades textuais é fundamental para um desenvolvimento equilibrado. Mesmo assim enfatizam que há uma diferença notável entre os discursos considerados literários e não literários. Os autores afirmam que em textos funcionais, por exemplo, o que é esperado do leitor / interlocutor é uma ação imediata sobre o mundo (em um diálogo). A linguagem usada nesses contextos é essencialmente sem ambiguidades, é utilizada uma referência com características específicas objetivos determinados.

O leitor pode extrair algum conhecimento prático, mas o texto não termina aí, ele vai mais longe, abrindo inumeráveis outras possibilidades de inferências,

percepções, leituras; relacionar a percepção de como as coisas são ditas e como os termos são organizados realizar seus efeitos, sentidos e sensações LLOSA (2010).

Os textos literários procuram combinar esses elementos em uma nova porção da realidade, que existente apenas no texto. O leitor é convidado, desta forma, a recriar a realidade em sua mente, usando evidências da linguagem do texto e seu próprio conhecimento do mundo. Sua relação com o texto literário, conseqüentemente, difere em aspectos importantes dessa relação do leitor de um texto informativo.

A criatividade do leitor se desenvolve, e a imaginação produz, através de seu desenvolvimento, uma interação dinâmica entre leitor, texto e mundo externo, em uma jornada que é constantemente levado a formar e manter uma figura mundo coerente do texto. A realidade do texto informativo é substituída por um fluido e dinâmico realidade, em que não há árbitro final entre verdade e imaginação (SCHILLER, 1991)

A comunicação é definida por COMPAGNON (2009) como a "entrar em um relacionamento dialógico com os outros, permitindo emergir significados, vínculos sociais, consciência e, eventualmente, ação transformador ". Tudo somado, tomamos a palavra como "um microcosmo da consciência humana "(Todorov, 2009), e desta forma, a pensamento como uma forma de diálogo interno, e discurso como um diálogo externamente, chegaremos à conclusão de que a comunicação é algo mais do que ação dialógica entre sujeitos ou interação entre pessoas, pode ser também considerada como uma ação dialógica com o mundo interno de cada pessoa.

Em caso afirmativo, o ensino de línguas também deve se concentrar nessa dupla forma de comunicação. COMPAGNON (2009) diz que a educação se concentra na prioridade: educação através da linguagem para promover nos aprendizes uma forma mental, de ser concebido como o desenvolvimento de estruturas ou habilidades cognitivas, a realização de uma capacidade inerente ou como a criação de uma nova capacidade.

Dessa forma, o trabalhar com literatura no ensino de línguas é fundamental para o desenvolvimento deste duplo aspecto da comunicação: mental (porque faz você pensar) e social (porque é produto de ações mentais desencadeada pela literatura gera interação, discussão e negociação).

Segundo Llosa (2010) o trabalho de construção de sentidos envelopes tomados de consciência, intenso trabalho com outros oradores, fora ou a aula, veja e ouça

prestando atenção no que e como você está sendo dito (conteúdo e forma - linguística, gramatical e discursiva).

O processo de construção de significado inclui expressão reflexiva, avaliação do insights e discussão do potencial de mudanças pessoais e coletivas; noção de mudança; percepção do processo de compreensão pessoal, como maneira de apoiar os outros e convidá-los para se juntar à comunidade da prática exploratória.

Para Llosa (2010), o uso da literatura no ensino de línguas, em conjunto com outros tipos de textos, pode, por exemplo, ajudar os alunos a identificar e compreender operação de linguagem para diferentes funções de comunicação, e prepara-los para os discursos cotidianos (COMPAGNON, 2009).

Ela oferece espaço para a análise do conteúdo, ao mesmo tempo em que permite a investigação da linguagem - uma relação estreita entre o que é dito com a forma como é dito. O autor afirma que através do texto literário podemos acessar os exemplos da linguagem real, que pode ser usada em contextos ativos na interação e no trabalho da linguagem.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e Cultura**. São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, 1972.

_____. Direitos Humanos e Literatura. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Nacional, 2006.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: ática, 1986. Série Princípios.

COMPAGNON, Antoine. Literatura para quê? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

COUTINHO, Afrânio. O Regionalismo na Ficção. In: **A literatura no Brasil**. 6 vols. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

LLOSA, Mario Vargas. Em defesa do romance. In: Revista Piauí. N. 37. Out. 2010. P. 64-69. Disponível em: http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao_37/artigo_1159/Em_defesa_do_romance.aspx Acesso em: 05 abr 2019.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. São Paulo: Melhoramentos, 1987.

MONTEIRO, R.C. A pesquisa qualitativa como opção metodológica. In: **Revista Proposições**. Faculdade de Educação da UNICAMP, São Paulo, n.º 5, agosto, 1991.

RAMOS, Anna Claudia. Proposta pedagógica: Eventos literários e formação do leitor. In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Boletim 16 Salto para o futuro**. Ano XVIII, Setembro de 2008.

ROSENFELD, Anatol. Introdução. In: SCHILLER, Friedrich. Cartas sobre a educação estética da humanidade. São Paulo: E.P.U., 1991, p. 07-34.

SCHILLER, Friedrich. Cartas sobre a educação estética da humanidade. São Paulo: E.P.U., 1991.

TODOROV, Tzvetan. A literatura em perigo. Rio de Janeiro: Difel, 2009.